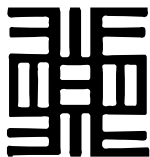


# Sumário

INTRODUÇÃO .....	9
1. A INFÂNCIA EM RIO PARDO E O INGRESSO NA MARINHA .....	13
2. A REVOLTA DA CHIBATA .....	39
3. DUROS TEMPOS PARA OS REVOLTOSOS .....	63
4. UM HOMEM ESCORRAÇADO DA HISTÓRIA .....	87
5. OS ÚLTIMOS ANOS DE VIDA .....	109
BIBLIOGRAFIA .....	125



*Marujos do "São Paulo", com Gregório ao centro, em 1910.*



## Introdução

A baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, está repleta de navios estrangeiros na manhã de 16 de novembro de 1910. As embarcações aportam com autoridades para a posse do marechal Hermes da Fonseca no cargo de presidente da República. No encouraçado *Minas Gerais* – o maior navio de guerra brasileiro, atracado a poucos metros do cais do porto –, o clima não é nada festivo. Ao raiar do dia, toda a tripulação é chamada ao convés para assistir aos castigos corporais a que será submetido o marinheiro Marcelino Rodrigues Menezes. Ele ferira a navalhadas o cabo Valdemar Rodrigues de Souza, que o havia denunciado por tentar introduzir no navio duas garrafas de cachaça. Sua pena: 250 chibatadas. Esse é o estopim para a eclosão da chamada Revolta da Chibata, movimento deflagrado pelos marinheiros contra os maus-tratos, que paralisaria o coração do Brasil por quatro dias e custaria a vida de dezenas de pessoas, entre civis e militares.

A punição pela chibata é um hábito herdado pelo Brasil da Marinha portuguesa. Os castigos têm a função de educar na

marra os supostos maus elementos que compõem os quadros inferiores. Como dizem os oficiais, as chicotadas e lambadas têm o objetivo de “quebrar os maus gênios e fazer os marinheiros compreenderem o que é ser cidadão brasileiro”.

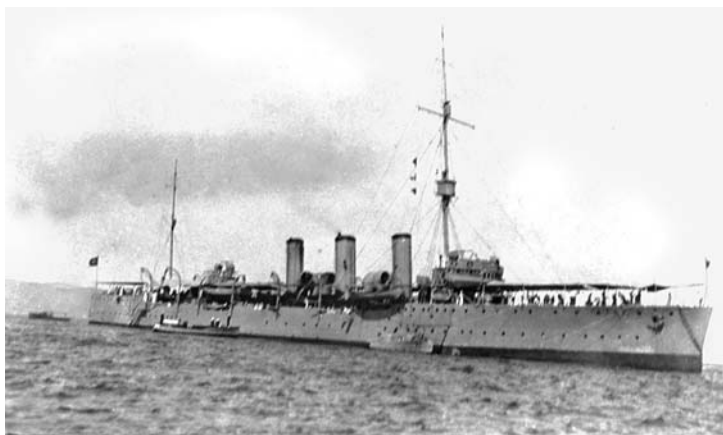
Na noite seguinte aos castigos sofridos por Marcelino, os demais marinheiros do *Minas Gerais*, recolhidos em seus beliches, decidem que a situação não pode continuar daquela forma. “Isso vai acabar”, diz o marujo João Cândido, um negro alto, de 30 anos, que desponta como o líder absoluto da revolta que se aproxima.

Este trabalho pretende clarear os fatos que levaram à eclosão do conflito e mais: revelar quem foi esse líder. João Cândido Felisberto, chamado de “Almirante Negro” pelos companheiros, é um símbolo da luta contra a opressão no Brasil. Nasce em uma propriedade rural na divisa entre Brasil e Argentina, filho de escravos. Passa a infância acompanhando o pai, que depois de liberto vira tropeiro e faz longas viagens conduzindo gado. Entra para a Marinha como aprendiz aos 14 anos, pelas mãos de um vizinho, o almirante Alexandrino de Alencar.

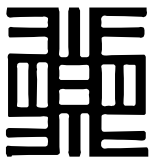
Aos 20 anos, é instrutor de aprendizes-marinheiros. Conhece toda a costa brasileira e faz viagens internacionais para a Argentina e para o Chile. Em 1909, quando completa 29 anos, João Cândido é escalado para uma missão especial na Inglaterra, onde assistirá à montagem final do encouraçado *Minas Gerais*, sofisticado navio de guerra encomendado pela Marinha brasileira aos estaleiros Vickers-Armstrong. Como é de difícil manejo, um grupo de marinheiros é enviado à Inglaterra para se familiarizar com os equipamentos.

Os brasileiros voltam da Europa mais questionadores. Motivados pela organização política dos marinheiros ingleses, eles passam a discutir a própria situação, concluindo que os humilhantes castigos à base de chibatadas têm de acabar. Líder e mentor do movimento, João Cândido é também um dos mais injustiçados. Nunca mais consegue emprego, nem na Marinha Mercante.

Fruto de dois anos de pesquisa – nos arquivos da Marinha, Biblioteca Nacional e com familiares de João Cândido –, este livro pretende iluminar, ainda, um período pouco conhecido da história do “Almirante Negro”: a fase que vai de sua absolvição à sua morte, no Rio de Janeiro, em 1969, aos 89 anos. O que se vê é que a fama de “perigoso” não reflete as convicções políticas de João Cândido, muito menos encontra respaldo na vida que passa a levar após o fim da revolta – época marcada pela perseguição política, pela penúria e pelas tragédias pessoais. De marinheiro a pescador, recluso e doente, tem a polícia vigilante até mesmo em seu enterro.



*"Scout Bahia", em foto tirada em 1910, ano da Revolta da Chibata.*



## **1. A infância em Rio Pardo e o ingresso na Marinha**

São nove horas de uma manhã de 1890. Na fazenda de João Felipe Corrêa, em Rio Pardo, interior do Rio Grande do Sul, boiadeiros juntam o gado que deveria ser embarcado para venda. Muitos deles são ex-escravos que permaneceram na propriedade mesmo depois da abolição, há dois anos.

O pequeno João Cândido Felisberto, de 10 anos, filho de um desses ex-escravos, assiste à lida com os animais. Com uma pequena vara, vai desenhando no chão: bois, cavalos e tudo que compõe a cena de trabalho do pai. Até que é repreendido pelo neto de João Felipe Corrêa, um arrogante garoto de 15 anos, que também se encontra no curral.

“Negrinho tihoso, aqui não se brinca, só se trabalha”, diz o jovem descendente de barões. Nesse instante, João Cândido atira a vara que está em sua mão direita sobre o neto do patrão. Sai correndo, esconde-se em uma gruta nos fundos da propriedade e lá permanece o dia inteiro, para fugir do castigo.

Passa a tarde e a noite sem comer, isolado na gruta. Seus pais não se preocupam com a ausência. É criado solto, como um bezerro, e nem sempre aparece na pequena choupana onde vive com a família.

A irreverência lhe custa caro. Nessa mesma noite, João Felipe Corrêa comunica a João Cândido Velho, pai de João Cândido, que o garoto será mandado a Porto Alegre, a fim de se tornar aprendiz de marinheiro, pelas mãos do almirante Alexandrino de Alencar, um amigo da família.

A Marinha, nessa época, com dificuldade de preencher seus quadros, é o destino da escória da sociedade e serve como castigo aos jovens indisciplinados, que podem ingressar muito cedo na vida militar. Na maioria dos casos, os jovens chegam à Marinha indicados pela polícia. Ao mesmo tempo, seus quadros superiores são ocupados pela elite, caso do próprio almirante Alexandrino de Alencar.

O castigo lhe serviria como estímulo para uma nova vida. Desde pequeno, João Cândido sonhava com as embarcações que via nos portos às margens do rio Jacuí, principalmente o das Pombas, destinado ao embarque de trigo e arroz produzidos na região, e o Pederneiras, escoadouro da rica zona pecuarista.

Os pequenos navios faziam o transporte fluvial entre a capital gaúcha e Rio Pardo, e João Cândido frequentava os portos na companhia de seu pai, que conduzia o gado para ser embarcado. Em outras viagens, acompanhando tropas de animais, ao longo da fronteira, chegou a Livramento e Rivera. Tomou gosto pelas viagens. Montava como gente grande. Dormia enrolado em um pelego de pele de carneiro. Jamais se esque-



ceria, ao longo de sua vida, daquelas viagens recheadas de aventuras. Nas frias noites, ficava com os tropeiros em volta da fogueira, aquecendo-se com chimarrão e ouvindo histórias de homens vividos.

Rio Pardo é uma cidade rica, com a economia voltada para a pecuária e o cultivo de trigo e arroz. É terra de barões, viscondes e da aristocracia rural gaúcha. A cidade é famosa por suas construções em estilo colonial, com placas indicando a passagem de Dom Pedro II e da Princesa Isabel. É uma região de extensos campos de pastagens, que se alternam com plantações de trigo, erva-mate e arroz. Em volta da cidade, predominam as grandes estâncias pastoris, produtoras de charque e derivados do gado. Nelas, existem também criações de muares, que são vendidos na fronteira com o Uruguai.

João Cândido Velho ganhara, depois da abolição, o direito de ficar com a família na propriedade de João Felipe Corrêa. Ajudava na fazenda, no manejo com o gado, mas tinha atividade própria. Era da confiança da família do senhor e, antes de ganhar a liberdade, chegara a cuidar sozinho da propriedade na ausência de Corrêa.

Pelas mãos do almirante Alexandrino de Alencar, já naquela época consagrado na Marinha pela liderança que exercera na Guerra do Paraguai, João Cândido segue para Porto Alegre, onde viria a ser aprendiz de marinheiro.

João Cândido Velho e sua mulher Ignácia, também ex-escrava, concordam pacificamente com o destino dado ao filho. Pelo menos, ele teria uma profissão e, além disso, seria uma boca a menos para ser alimentada, em uma família de oito filhos.

Na capital gaúcha, enquanto não ingressa na Marinha, João Cândido exerce temporariamente a função de moleque de recados e, em seguida, trabalha como ajudante em uma pequena fábrica de tecidos. Mora de favor no sótão da fábrica, em um bairro afastado da capital gaúcha. Com o minguado pagamento, mantém-se sozinho na cidade grande. Sente o gosto da liberdade.

Em alguns finais de semana, João Cândido vai a Rio Pardo e se hospeda nos fundos da casa do almirante Alexandrino de Alencar, que passara a ajudar intensamente sua família. João Cândido Velho passa a enfrentar problemas de alcoolismo e não consegue mais garantir o sustento da família.

O almirante Alexandrino – um dos mais enfáticos propagandistas da República, que ascenderia a todos os postos na Marinha, exercendo, inclusive, o cargo de ministro – dá atenção especial ao menino que sonhava com as embarcações do Jacuí.

A casa dos Alencar, um sobradinho branco construído em uma pequena elevação, na rua General Osório, ao lado do teatro, passa a fazer parte da pré-adolescência do futuro marinheiro.

Em 1893, aos 13 anos, João Cândido conhece – por intermédio do almirante Alexandrino – um navio da Marinha brasileira, o *Ondina*, que está ancorado em Porto Alegre.

O futuro marinheiro chega ao cais na companhia do oficial, o que provoca grande curiosidade nos marujos que estão a bordo: jamais um negro tivera tamanha regalia.

O almirante destaca um subalterno para mostrar ao jovem as instalações militares. O clima, dentro da embarcação, é de tensão. Está começando no Rio Grande do Sul a Revolução Fe-